

O colapso da unidade do PMDB

O GLOBO

6 DEZ 1987

R 9

A VOTAÇÃO do substitutivo de Regimento Interno da Constituinte fez a radiografia do maior partido ali representado: 125 dos 302 constituintes do PMDB votaram com o "Centrão"; e ao líder do Partido, Senador Mário Covas, só coube comandar o abandono de campo dos restantes, a título de protesto.

A UNIDADE do PMDB, tão pacientemente costurada durante 20 anos, tão curtida numa adversidade que nada lhe poupou, da violência das cassações ao jogo marcado dos casuísmos eleitorais, tão prontamente recomposta depois de cada revés, se desfez de repente e com uma inconsistência de castelo de cartas, sob a votação de uma questão formal, o Regimento.

MAS esse colapso da unidade partidária, se se manifestou escancaradamente com a votação de quinta-feira, a ponto de suscitar sérias dúvidas quanto à possibilidade de recuperação, não foi um acidente. Faz já tempo que o PMDB entrou em crise de identidade. E em crise de identidade induzida e trabalhada por algumas lideranças.

ESSAS lideranças inverteram o sentido de direção embutido no papel histórico que o PMDB vinha cumprindo, até as eleições de 1986: de um partido identificado como o arauto e refúgio

das liberdades — sociais, civis e políticas — na oposição, para um partido instalado no poder para ditá-las, o que é forma de atalhá-las. O que certas lideranças do PMDB chamam de progressismo não é mais que a recusa à evolução política; chama-se de progressismo o que é, na verdade, controle sistemático. Até sua mais extremada forma: o boicote e a intimidação do adversário.

PRESERVOU-SE, oportunisticamente, a sigla: ela "vende bem" como se viu nas últimas eleições. Só não se cuidou da identidade e da coesão: não faltaram esboços, jamais consumados, aliás, de troca do Partido por um outro, presuntiva e gratuitamente mais à esquerda; não faltou sequer uma válvula para a evasão por enquanto adiada, o Movimento de Unidade Progressista (MUP). Tudo no interesse das cúpulas; e pouco ou nada em audiência e obediência às bases.

INVERTEU-SE o próprio mecanismo do sistema partidário: o eixo da corrente partidária se transferiu para os diretórios e executivas nacionais; a opinião partidária se formava sob sinalização das cúpulas.

O CENTRO desse processo de enfeudamento instalou-se na distribuição das Comissões da

Constituinte, até desembocar na Comissão de Sistematização; distribuição habilidosamente administrada pelo Senador Mário Covas, que para tanto postulou e alcançou a liderança do PMDB na Constituinte. Quando, porém, se pretendeu fazer do plenário da Constituinte, através de artifícios processuais, simples cenário de homologação e de homenagem à suserania, criou-se a rebelião do "Centrão". Queiram ou não queiram, uma inconfundível revolta liberal.

PORQUE é liberal quem não aceita subordinar-se e enfeudar-se; ainda que à custa de ver-se qualificado como reacionário, conservador, direitista, pelos que se dão como definidores das posições, no sistema político-partidário. Não por acaso os subordinantes e feudatários.

PORQUE é também tão fútil qualificar assim uma maioria, quanto abandonar, a título de protesto, o confronto: não há protesto na fuga, nem se faz valer uma causa, renunciando-se ao seu patrocínio no momento crítico. No lugar de comandar uma retirada do plenário, teria valido ao Senador Mário Covas retomar o discurso com que se tornou líder do PMDB: "Soberania não se põe em discussão." Entenda-se sempre: soberania popular.